

VOGUE

BRASIL

Nº 118
Agosto
R\$ 13,90

**S.O.S.
planeta
Ainda dá
tempo de
evitar a
catástrofe**

**Prévia
de verão**

Peças que você
precisa ter antes
de todo mundo

**Camila
Pitanga**

As mil e uma caras
da nova musa nacional

Portugal, € 5,00
França, € 8,90
Reino Unido, £ 5,70



Novo olhar

Designer premiada em Londres, Paula Dib “acorda” comunidades carentes e mostra que mudar de vida é alternativa, sim Por Fred Melo Paiva



Paula Dib faz pose ao lado dos cachepôs confeccionados com lascas de eucalipto por comunidades carentes de Nova Viçosa, no sul da Bahia

PAULA OLIVEIRA DIB nasceu assim, sem o antebraço esquerdo. Não é coisa que se note logo de cara, embora ela não tenha a menor preocupação com isso. O problema da Paula são os olhos, a boca e o nariz: você vai passar a primeira hora de uma conversa com ela magnetizado por esse conjunto. Depois, lá mais adiante, vai reparar enfim o lance do braço. Mas já estará de tal forma convencido de que a Paula é tão bonita, mas tão bonita, que aquela falta será para você a cereja do bolo – praticamente uma covinha. “Já me ofereceram uma prótese supermoderna, mas eu não iria me adaptar e nem acho que preciso. O braço nasceu assim, não me limita em nada.” Se bem

que foi por causa disso que a Paula saiu do balé. Ela se via nas fitas de vídeo da escola e “achava muito assimétrico”. Parou de dançar, “um pouco pela assimetria, um pouco porque a professora era uma pessoa horrorosa e também porque doía muito o meu pé”. Ainda bem que foi assim: vai que essa carreira de bailarina prospera. Aí não teríamos hoje a Paula do jeito que ela é: uma pessoa imprescindível para a auto-estima e sobrevivência de muita gente.

A paulistana Paula Dib, 30 anos, é uma desenhista industrial formada pela Fundação Armando Álvares Penteado, a Faap. Mas não ganha a vida fazendo layout de produto nem display de publicidade.

Poderia ser assim, mas “você nasce, cresce, é educado por uma família, por uma escola, e as coisas vão tomando seu rumo”. O que Paula faz hoje passa longe de frascos rebuscados de perfume, essa instituição do design de embalagens.

Seu trabalho é desenhar projetos sustentáveis, que gerem renda para populações carentes. Mas não pense que tem nada de filantropia ou serviço voluntário. “O que faço é chegar em uma comunidade, conhecer sua história, entender como as pessoas vivem ali, quais são suas habilidades manuais e intelectuais”, diz. “Depois procuro conhecer os materiais disponíveis na região e estudo como poderiam ser usa-



Ao lado, Paula e as artesãs baianas, em dezembro de 2006, com a maior encomenda recebida, ate então. Acima, um dos vasos sendo montados. Uma peça dura até três horas para ser feita

dos pela força de trabalho local.” Ou seja, a missão de Paula é descobrir como sustentar economicamente aqueles cujas esperanças estavam no vermelho há muito tempo.

Não é coisa pouca, mas o esforço tem valido a pena. Tanto que, no fim do ano passado, Paula Dib representou o Brasil no prêmio Jovem Design Empreendedor do Ano, promovido pelo British Council. Não tinha um trabalho específico para mostrar – preferiu apresentar um painel de suas incursões pelos grotões e favelas do Brasil em parceria com ONGs e institutos sem fins lucrativos. Seleccionada para a etapa final, concorreu com outras dez pessoas, vindas de dez diferentes países. “Tinha gente misturando budismo com alta tecnologia”, diz, “cada um com sua viagem”. Mas foi a Paula que ganhou. “Fiquei pirando no significado de terem me escolhido. Acho que

tem mesmo uma mudança de atitude no planeta, as pessoas estão revendo valores. Quem ganhou não foi o chinês que produz um bilhão de peças...” Não mesmo: ganhou a antítese do produto pasteurizado pela globalização. Ganhou a consciência no lugar da embalagem.

O que Paula faz é um mergulho profundo no Brasilão. Em Helvécia, distrito de Nova Viçosa, no sul da Bahia, ela é figura conhecida há quase dois anos. Fez daquele jeito: chegou devagar, conheceu a cidade, conversou com as pessoas. Verificou que viviam cercados pelo “mar de eucaliptos” da Suzano Celulose, empresa que tem um projeto de reflorestamento em parceria com o Instituto Super Eco no entorno do vilarejo de 4.500 habitantes.

Contratada pelo instituto, Paula montou oficinas de design em que os moradores da região usam lascas do eucalipto para criar fruteiras e cachepôs de uma originalidade comumente. Mais politicamente correto, impossível já que a matéria-prima é refugo. O mesmo passo-a-passo foi adotado por ela em São José de Alcobaça, também no sul da Bahia, onde passou outros dois anos. “Sou apenas um olhar novo que chega para acordar as pessoas e incentivá-las a participar de

“Sou apenas um olhar novo que chega para acordar as pessoas da comunidade e incentivá-las a participar de um processo criativo e de autodescoberta”

um processo criativo e de autodescoberta.” Em São Paulo, os produtos fabricados pelas comunidades do sul da Bahia são vendidos na **Casa da Vila**: Rua Capitão Cavalcanti, 82, Vila Mariana, tel. (11) 5575-2757; **Reciclamundo**: Rua Harmonia, 303, Vila Madalena, tel. (11) 3815-7366; **ZonaD**, Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 783, tel. (11) 3088-0399